

ENTRE COSTURAS E DESAMPARO: UMA ANÁLISE DA PRECARIZAÇÃO DO PROCESSO DE TRABALHO DAS COSTUREIRAS DO POLO DE CONFECÇÕES

AMID SEWING AND DESPAIR: AN ANALYSIS OF THE PRECARIOUS CONDITIONS OF WORKERS IN THE
PERNAMBUCO GARMENT

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e3.a2025.id2754

Recebido em: 10.02.2025 | Aceito em: 01.10.2025

**Janine Magaly Arruda Tavares^{a*}, Myriam Alexandra dos Santos Batalha Dias Nunes Lopes^b,
Solange Laurentino dos Santos^a**

**Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife – PE, Brasil^a
Universidade de Aveiro – UA, Aveiro, Portugal^b
*E-mail: janine.tavares@caruaru.ifpe.edu.br**

RESUMO

As transformações no mundo do trabalho têm sido intensas, impulsionadas pela globalização, que promovem uma crescente flexibilidade de processos. A pesquisa objetiva compreender os processos de precarização das costureiras no ambiente laboral-domiciliar sob a ótica das representações sociais. Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, utilizando a reprodução social da saúde de Juan Samaja, nas dimensões biocomunal e tecnoeconômica com costureiras do ambiente domiciliar em Santa Cruz do Capibaribe/PE. Foram realizadas observações e 20 entrevistas semiestruturadas no período entre outubro de 2023 e abril de 2024. Este trabalho apresenta evidências, no que concerne a reprodução biocomunal, na qual os membros reproduzem suas condições de vida como organismos sociais. Na atividade produtiva da confecção, diversos riscos se apresentam durante o desenvolvimento do trabalho e esses fatores podem levar a problemas de saúde. Já na dimensão tecnoeconômica, os achados revelam uma grande precarização da força de trabalho no ambiente domiciliar, resultando importantes problemas sociais. Nesse contexto produtivo, destacam-se a informalidade, a terceirização, as subcontratações, a baixa qualificação e a intensa jornada de trabalho, que se estendem além das atividades de costura, incluindo também as tarefas domésticas. Os resultados encontrados podem apoiar gestores e profissionais de saúde, podendo direcionar medidas minimizadoras do processo de adoecimento da população trabalhadora e de suas famílias, sendo, um instrumento importante para governança local.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Determinação Social da Saúde; Representação Social.

ABSTRACT

The transformations in the world of work have been intense, driven by globalization, which promotes an increasing flexibility of processes. This research aims to understand the processes of precarization experienced by seamstresses in the home-based work environment from the perspective of social representations. It is an exploratory and descriptive study with a qualitative approach, based on Juan Samaja's theory of the social reproduction of health, focusing on the biocommunal and techno-economic dimensions, and conducted with home-based seamstresses in Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, Brazil. Observations and 20 semi-structured interviews were carried out between October 2023 and April 2024. This study presents evidence regarding the biocommunal reproduction, in which community members reproduce their living conditions as social organisms. In the productive activity of garment manufacturing, several risks emerge during the work process, and these factors may lead to health problems. In the techno-economic dimension, the findings reveal a significant precarization of the labor force in the home-based environment, resulting in important social problems. Within this productive context, informality, outsourcing, subcontracting, low qualification, and long working hours stand out, extending beyond sewing activities to include domestic tasks as well. The results may support managers and health professionals in developing measures to minimize the process of illness among the working population and their families, thus serving as an important tool for local governance.

Keywords: Worker Health; Social Determination of Health; Social Representation.

INTRODUÇÃO

O capitalismo contemporâneo se manifesta com extraordinária capacidade de formas de acumulação, com alterações nos modelos de produção e estruturação de classes sociais (ANTUNES, 2022). A exploração do trabalho e a desigualdade social impactaram diretamente a saúde da população, revelando limites da abordagem biomédica em saúde pública (NUNES, 2023).

Na região do Agreste pernambucano, os negócios evoluíram a partir de uma história coletiva local, com o declínio da agricultura por fatores ambientais. Este contexto, favoreceu o surgimento do processo produtivo da confecção, caracterizado pelo pouco investimento econômico e especializado, tornando-se uma alternativa acessível para população em maior vulnerabilidade, em busca de trabalho e renda (SÁ, 2018).

Neste debate, o desenvolvimento deste aglomerado produtivo da confecção, no contexto atual, é caracterizado pela exploração da mão de obra doméstica e subempregada, flexibilização e precarização do trabalho com altas taxas de informalidade. Esse cenário é frequentemente mascarado por um forte discurso ideológico que promove o empreendedorismo, favorecendo assim, a superexploração da força de trabalho (LIRA; GURGEL; AMARAL, 2020).

Nesta perspectiva, o estudo utilizando a matriz de dados de Juan Samaja integra as interações das condições de vida e saúde da população trabalhadora, no contexto da compreensão dos processos de reprodução social em sua integralidade (MEDEIROS *et al.*, 2022).

Há uma lacuna na literatura sobre as condições de trabalho de costureiras em ambiente domiciliar. Com base nesta temática, o estudo buscou compreender os processos de precarização das costureiras no ambiente laboral-domiciliar sob a ótica das representações sociais. A pesquisa foi realizada por meio de um levantamento *in loco*, com a necessidade de obter informações a partir de uma visão interna do cotidiano das costureiras e da dinâmica social em que estão inseridas.

METODOLOGIA

Desenho e população de estudo

A pesquisa teve enfoque na interação entre questões de saúde, trabalho e ambiente. Se caracteriza como exploratória e descritiva, com abordagem metodológica qualitativa e, teve como propósito o estudo das pessoas em seu ambiente, na perspectiva de um estudo observacional e reflexivo, para além da coleta de dados por meio de entrevistas, possibilitando realizar uma interpretação da realidade local.

Foram realizadas entrevistas com costureiras do Polo de Confecção no município de Santa Cruz do Capibaribe, que desempenham suas atividades de trabalho na produção de peças de roupas no domicílio¹. As participantes eram residentes no território adscrito de uma Unidade de Saúde da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município. O período de referência para coleta de dados ocorreu entre outubro de 2023 e abril de 2024.

Adotou-se a base referencial de Juan Samaja, que propõe o estudo da reprodução social, ampliando o campo tradicional, onde “compreende os problemas, as representações e as estratégias de ação que se apresentam no curso da reprodução da vida social” (SAMAJA, 2000, p. 70).

Coleta de dados

A coleta de dados aconteceu nos domicílios das costureiras, em Santa Cruz do Capibaribe, município que possui destaque no Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco/Brasil, com área territorial 335,309 km² e população estimada de 111.812 habitantes (IBGE, 2021).

A pesquisa transcorreu em duas etapas, a etapa exploratória a observação espontânea e sistemática da cadeia de produção da confecção (domicílios, empresas, lojas, centro de compras - moda center e museu da sulanca) permitiu um diagnóstico situacional inicial para uma melhor organização para a etapa seguinte, na qual

¹ “Origem e comando familiar. A significativa maioria dos negócios de produção e comercialização de confecções que emergiam na região, ao longo das décadas, tem origem doméstica. Foi no seio da família [...] de fortes vínculos com o universo rural – e do seu convívio cotidiano que se iniciou e se desenvolveu o processo produtivo. [...] que

introduzem e desempenham atividades produtivas em série nos cômodos do lar destinados à confecção. É lá que a tradição da costura doméstica é aplicada ao negócio” (SÁ, 2018, p. 34).

foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas presenciais com costureiras em seus domicílios.

Inicialmente não foi determinado o número de entrevistados, a inclusão era realizada de forma progressiva e concomitante pelos profissionais da ESF que indicaram, os primeiros indivíduos selecionados, que convidavam os novos participantes. Utilizou-se o critério de amostragem intencional e não-probabilística, selecionando os domicílios das costureiras por meio da técnica de bola de neve, desta forma, dispõe “daquelas que gerem os dados mais relevantes e fartos, considerando seu tema de estudo” (YIN, 2016, p. 43), com a utilização do critério de saturação, onde a coleta de dados foi cessada a partir da repetição das informações.

Análise dos dados

Para análise dos resultados utilizou-se o modelo caracterizado e descrito por Juan Samaja. Dos processos de reprodução social nas dimensões das práticas reprodutivas: biocomunal e tecnoeconômica (SAMAJA, 2000; YNOUB; SAMAJA, 1998). Na dimensão biocomunal foi analisada a percepção das costureiras sobre as condições de trabalho no processo da confecção. Na dimensão tecnoeconômica foram analisadas as transformações provocadas pelo processo de trabalho.

Os procedimentos analíticos de conteúdo incluíram compilação dos dados, sendo realizada a análise temática, como um instrumento metodológico que se aplica a discursos, utilizando unidades de codificação determinadas (BARDIN, 2016).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) através do parecer consubstanciado nº 6.420.278, com registro CAEE 71159923.5.0000.5208.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estrutura e dinâmica da cadeia de produção do Polo de Confeções do Agreste de Pernambuco

Nos países em desenvolvimento, o processo de industrialização passou por diversas transformações socioeconômicas ao longo dos séculos. Esses fatores desencadearam processos de terceirização, informalidade e subcontratações, acentuando as desigualdades de gênero no mundo do trabalho.

No que se refere ao processo de confecção de Santa Cruz do Capibaribe, historicamente as mulheres adquiriam pedaços têxteis dos refugos de empresas em meados de 1950, que vinham do Recife, capital de Pernambuco, e que os comerciantes vendiam a baixo custo aos moradores da região do agreste. Os retalhos eram transformados em colchas/mantas e vestimentas, onde passaram a ser comercializadas em feiras livres ou para uso familiar. Com o tempo, esses retalhos eram transformados em shorts, blusas, vestidos, de forma simples e com baixo custo. Na década de 60 e 70 eram trazidas do Sudeste os retalhos, ficando conhecida como “sulanca” (Sul – cidades de onde as peças vinham e helanca – material que era utilizado na confecção) (MILANÊS, 2020).

A amostra foi constituída por 20 costureiras, sendo 35% composta por mulheres na faixa etária de 25 a 34 anos, 35 a 44 anos (25%), 45 a 54 anos (35%) e com 65 anos ou mais (5%). Em relação à escolaridade, 15% das participantes possuíam o ensino fundamental I completo e incompleto; 40% ensino fundamental II; 40% ensino médio e 5% possuem o ensino superior. No que se refere à naturalidade, 25% são nascidos em Santa Cruz do Capibaribe e 75% são de outros municípios e estados no Brasil (tabela 1).



Tabela 1. Distribuição das costureiras quanto às variáveis sociodemográficas no município de Santa Cruz do Capibaribe/PE, 2024.

Variáveis	N	Frequência	%
Sexo			
Masculino	0		0
Feminino	20		100
Faixa etária			
25 a 34 anos	7		35
35 a 44 anos	5		25
45 a 54 anos	7		35
> 65 anos	1		5
Escolaridade (completa/incompleta)			
Ensino fundamental I (1 ao 5º ano)	3		15
Ensino fundamental II (6 ao 9º ano)	8		40
Ensino médio (1º, 2º e 3º ano)	8		40
Ensino superior	1		5
Município de origem (nascimento)			
Santa Cruz do Capibaribe	5		25
Outros municípios	15		75

O processo da confecção no agreste de Pernambuco acontece com a fragmentação de atividades da produção, com subcontratações de autônomos e força de trabalho familiar e domiciliar, utilizando principalmente jovens e mulheres, incluindo a mão de obra infantil, ficando sujeitos a exploração e à lógica do capital, com a finalidade de aumentar o processo de mais valia (LIRA, 2011). A fragmentação de atividades na produção é mencionada pelas entrevistadas: “*A minha é overlocar² ela, fechar, depois eu abanho³, apronto ela e mando pro patrão, aí ele vai e manda outra pessoa*” (C4). “*Eu empano, é pregar os fundos*” (C9).

A compreensão das diversas dimensões da classe trabalhadora manifesta-se de forma complexa. Observa-se um crescimento do proletariado fabril em escala global, resultando em condições de trabalho precarizadas, subcontratadas, *part time*, informais, entre outras (ANTUNES, 2009).

Costura e reprodução social biocomunal: o trabalho das mulheres no cotidiano

Com as mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas, as mulheres começaram a ocupar novos

espaços, contribuindo para a inserção feminina na indústria da confecção, no entanto, essa participação muitas vezes é marcada pela precariedade do trabalho, como descreve:

Tive duas crises de coluna ainda quando tava grávida, quase me acabo de tanta dor, tive que sair do serviço, teve a pandemia, né, aí teve, a lei das gestante ficarem em casa, aí eu fiquei em casa, aí eu costurava, e me deitava no chão, passava umas meia hora aqui deitada no chão, aí depois ia costurar, deitava no chão, passei minha gravidez, até 7 meses, que o menino nasceu de 7 (C8).

Além da carga de trabalho no ambiente da costura, trabalhadoras relatam a sobrecarga de atividades domésticas e o cuidado com a família (AKHTER; RUTHERFORD; CHU, 2019). E, por vezes, mulheres têm outras atividades, além de atividades da rotina de dona de casa, como: “*Não tem aquela pessoa que é pra tudo? É eu, tudo que vai resolver aqui, sou eu*” (C17).

Pesquisadores destacam o impacto das condições de trabalho das costureiras na saúde, incluindo dores nas costas e nas articulações, cefaleia persistente e dificuldade respiratória devido à inalação do pó do tecido, resultando

² Overlocar – máquina de costura overlocke - overlocar significa o ato utilizar esta máquina para costurar a peça de tecido.

³ Abanho – de fazer a barra ou bainha do tecido.

em repercussões físicas a longo prazo na vida dessas mulheres (AKHTER; RUTHERFORD; CHU, 2019). Esses impactos na saúde das costureiras são evidentes: *“Eu tenho muita dor na coluna, muita mesmo. [...] Eu já fui umas duas vezes pro hospital, com umas crises de coluna, muita dor, assim, na coluna, que não guentava, nem entrar no carro direito, nesse dia, eu fui chorando”* (C17).

Fábricas têxteis e de vestuário estão em constante crescimento em países de baixa e média renda. Entre trabalhadores de fábricas têxteis, a prevalência de doenças respiratórias é de 34% e de distúrbios musculoesqueléticos totaliza 29% entre os diagnósticos registrados, no entanto, o impacto que o processo de produção pode acarretar na vida dessas pessoas, não é adequadamente investigado, constatado em pesquisa realizada na Etiópia (ZELE *et al.*, 2021).

A atividade realizada no ambiente domiciliar impacta não somente a vida da costureira, mas todos que convivem neste ambiente familiar, conforme relato:

Ela teve bronquiolite, aí depois teve pneumonia [...] aí ficou várias vezes internada, aí descobri que ela é alérgica ao pelo, poeira [...]. Quando passou o resguardo, que eu comecei a costurar, quando foi menos de um mês, ela adoeceu, aí começou [...] passei de dois a três meses só em hospital com ela [...] aí foi quando o médico disse: você vai ter que escolher, a saúde da sua filha ou suas peças (C6).

Ao contrário de outros fatores de risco, a qualidade do ar interior pode trazer impactos na saúde das pessoas que convivem naquele ambiente domiciliar e de trabalho ao mesmo tempo. Algumas doenças como inflamação recorrente, infecções oculares, efeitos nas vias respiratórias e distúrbios sensoriais podem ser acometidas pela exposição desses ambientes. Os efeitos a curto prazo podem ser exemplificados por irritação no nariz e cefaleia constante, já a longo prazo podem levar a doenças pulmonares como a asma, dentre outras (CARRER; WOLKOFF, 2018).

Além do processo de adoecimento, que impacta não somente a costureira, os acidentes também ocorrem, podendo se estender às pessoas que convivem neste ambiente domiciliar e de trabalho, como identificamos em alguns relatos: *“Minha filha já butou o dedo na máquina,*

quando era novinha, quando eu tava costurando, aí, fraturou a pontinha do dedo dela, aí ela tem uma falha na unha até hoje” (C17).

A vida dos trabalhadores da confecção têxtil é marcada por um grande desgaste físico e mental provocado pela intensificação das cargas de trabalho e pela crescente pressão por maior produtividade (LIRA *et al.*, 2020). No dia da entrevista, as costureiras revelam como estavam se sentindo: *“[...] eu tô com dor no pescoço, não sei se é estresse”* (C17). *“Tô com um pico de ansiedade lá em cima, dor na coluna também”* (C6).

Em relação aos desafios complexos da saúde do trabalhador, é essencial proteger essas pessoas e promover uma força de trabalho mais saudável e sustentável por meio de medidas sustentáveis e iniciativas direcionadas à garantia da saúde e vigilância em seus territórios (CHIRICO; SETTIMO; MAGNAVITA, 2023).

Vulnerabilidade e reprodução social tecnoeconômica: impactos na vida das costureiras e o setor de confecção

O termo vulnerabilidade, amplamente utilizado na área da saúde, tem fundamentos relacionados aos direitos humanos. A literatura científica conceitua frequentemente como sinônimo de risco, porém abrange outras bases epistemológicas (FLORÊNCIO *et al.*, 2021). O conhecimento sobre vulnerabilidades, oferece uma perspectiva mais ampla e contextualizada para a compreensão dos riscos (PORTO, 2012). Outras vulnerabilidades, como a presença da violência doméstica, foram citadas neste estudo:

Não, piorou por causa da máquina, mas eu acho que eu já tinha na verdade, pelo um casamento antigo, eu era de menor na época, e tipo, quando eu briguei, mais o pai das menina, aí quebrou a vassoura na minha costas, mas como eu era mocinha, nunca senti nada, depois de quando eu fiz dezenove, vinte, eu comecei a sentir um incômodo nas costas, só que eu nunca fiz exame (C3).

A Vigilância Popular em Saúde quando engajada com o território, e orientada por perspectivas que incorporam a determinação social do processo amplo da saúde, como a educação popular, o controle social, as interseccionalidades e os feminismos, demanda uma



organização com redes colaborativas, que se fortaleçam e tragam mudanças e transformação social. Portanto, historicamente, os sujeitos mais vulnerabilizados, são os “trabalhadores precarizados, populações de periferias, [...] indígenas, mulheres [...]” (OLIVEIRA *et al.*, p. 12, 2024). Tais achados corroboram a condição de vulnerabilidade identificada nesta pesquisa, evidenciando fatores como, as questões socioeconômicas, ambientais, bem como as questões vinculadas às condições de trabalho.

A produção na confecção é extremamente fragmentada nos domicílios. Caracterizada pelo modelo de desenvolvimento capitalista, por vezes, as mulheres se acreditam em uma situação de autonomia, independência e liberdade, mas que acabam por não serem reais e sim ilusórios nesta estruturação flexível de trabalho (LIRA, 2011). As costureiras, referindo-se às partes do processo produtivo que realizam, revelam quanto recebem pela execução das etapas: *“Eu empano, é pregar os fundos [...] sete e meio, sete centavos e meio (C9). “Depende, é modinha, tem peça de um, tem peça de dois, dois e cinquenta, treí, varea, o modelo que vem” (C14).*

A atividade formal possui altos custos para o processo da confecção, fazendo com que pequenos microempresários escolham a informalidade e, por vezes, obtendo exploração da mão de obra infantil, sendo este um importante problema social (SANTOS; CARNEIRO; AUGUSTO, 2009). Este cenário foi observado em Santa Cruz do Capibaribe, onde as costureiras relataram ter iniciado a atividade de costura ainda na infância, conforme relatos, esta prática é recorrente nos discursos: *“Eu aprendi a costurar muito pequenininha e com oito anos de idade quando eu alcancei o pé na máquina, eu ganhei uma máquina de presente” (C2). “Eu comecei a costurar desde os 14 anos” (C6). Em outras falas: “Dez anos meu primeiro emprego, foi tirando ponta de linha [...], com trezes anos, já tava na máquina” (C18).*

A exploração da mão de obra, principalmente a doméstica e a subempregada, é recorrente na atividade de produção onde a informalidade resulta numa trajetória de condições de trabalho sem regulamentação, sonegação de impostos, jornadas intensas de trabalho, entre outros (SÁ, 2018).

A quantidade de horas trabalhadas extrapola as oito horas diárias pela maioria das entrevistadas, as que não conseguem ter um volume grande de horas trabalhadas é porque já possuem algum dano à saúde e não

conseguem mais produzir por longas horas na jornada diária: *“Muitas. Não tem um total de horas certa. Mas pelo menos umas dez horas por dia ou até mais” (C2). Em outro relato:*

O mínimo possível, porque eu não guento ficar muito tempo na máquina, porque, assim, eu fico um pouco, aí quando começa a doer, aí eu levanto, faço alguma coisa, [...] tomo medicação [...] hérnia de disco, bico de papagaio [...] fico muito inchada (C7).

Todos esses processos, por vezes, são realizados na forma de subcontratação, em que produtores são autônomos, como as facções e as costureiras domiciliares, que dividem as etapas da confecção do produto, o que contribui diretamente para o baixo preço do trabalho e sem encargos trabalhistas.

É importante destacar que o processo de migração para Santa Cruz do Capibaribe cresceu, atraindo pessoas de outros municípios e estados, com a promessa de emprego para todos. A história de vida da maioria delas, como se refere, é marcada pela vinda à localidade em busca de oportunidades de trabalho: *“Eu achava melhor, eu tinha muito menino pequeno e aqui tinha mais condição pra mim” (C13), outra fala: “Eu, mãe solteira, arrumar trabalho e dar de comer as minha cria” (C3).*

Com o aumento da produção fora dos ambientes das fábricas, as costureiras autônomas ganham espaço, no processo flexível do aglomerado produtivo, favorecendo, desta forma, um grande acúmulo de capital para empresários em situações de privilégio (LIRA, 2011; BEZERRA; CORTELETTI; ARAÚJO, 2020; RANGEL; CORTELETTI, 2020). No que se refere a previdência social: *“Não. Não pago a previdência, eu pagava quando tava lá embaixo, numa firma. [...] porque quem sabe lá na frente eu num vou precisar, né?” (C4). “Nos meus documentos, eu boto agricultora, que o povo diz que é mais fácil, né?” (C8).*

Em estudo realizado no polo de confecções do estado de Pernambuco, fica evidenciado que as costureiras se encontram sem acesso a direitos trabalhistas e previdenciários, realizando uma atividade de invisibilidade na cadeia produtiva neste aspecto (LIRA; GURGEL; AMARAL, 2020; SANTOS; CARNEIRO; AUGUSTO, 2009).

A busca pela dignidade e cidadania das famílias no processo da confecção é evidenciada diante da necessidade em utilizar programas de redistribuição de renda. Desta forma, o programa Bolsa Família, por ser uma política assistencial, se constitui como importante fonte de renda para as costureiras, atuando como um complemento das necessidades básicas familiares (LIRA; GURGEL; AMARAL, 2020; LIRA *et al.*, 2020). Quando indagadas sobre ter outra fonte de renda: “*Eu tiro o bolsa família*” (C14). “*Só o bolsa família*” (C2). “*Do bolsa família*” (C6).

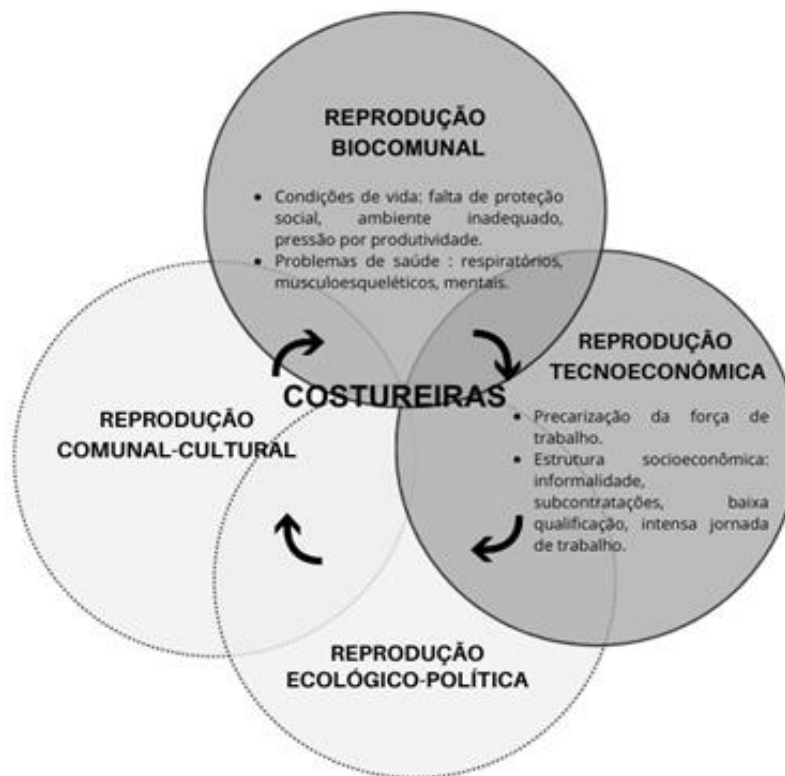
A maioria das costureiras revelam que o aprendizado na costura vem de alguém próximo ou da família, como explicita esses relatos: “*Aprendi com uma tia minha, ela me ensinou*” (C4). “*Com mãe, já veio dela, aí passou pra gente*” (C20). “*Eu observava muito minha mãe trabalhando [...] meu pai*” (C2). Como característica da região, há estruturas familiares na organização da

cadeia produtiva da confecção. Essas pessoas se dedicam diuturnamente a esta atividade de trabalho (SANTOS; CARNEIRO; AUGUSTO, 2009).

Dessa forma, os resultados foram sintetizados em um modelo esquemático (Figura 1), que ilustra a relação entre as dimensões da reprodução social da saúde, com foco nas análises biocomunal e tecnoeconômica.

A dimensão biocomunal revela como as condições de vida, como a falta de proteção social, o ambiente de trabalho inadequado e a pressão por produtividade que impactam diretamente a saúde das costureiras. Os problemas mais comuns incluem alterações respiratórias, musculoesqueléticas e mentais. Já a dimensão tecnoeconômica aborda a precarização da força de trabalho. Essa realidade é moldada por uma estrutura socioeconômica de informalidade, subcontratações, baixa qualificação e longas e exaustivas jornadas de trabalho.

Figura 1. Síntese do modelo explicativo da reprodução social da saúde das costureiras domiciliares em Santa Cruz do Capibaribe, 2024.



Além da reprodução biocomunal e tecnoeconômica analisadas nesta pesquisa, as dimensões comunal-cultural e ecológico-política também se apresentam na figura, pois mostram pontos de interações, apesar de não serem objeto de análise neste trabalho. Na biocomunal as condições de vida e problemas de saúde são destacadas, na tecnoeconômica a precarização da força de trabalho e a estrutura socioeconômica das condições de trabalho das costureiras estão em evidência.

A utilização da matriz de reprodução social de Juan Samaja, enriquece a compreensão dos processos, possibilitando o entendimento dos fenômenos complexos para compreensão das condições de vida e saúde das populações (SANTOS *et al.*, 2023; MEDEIROS *et al.*, 2022; SAMAJA, 2000).

Limitações do estudo

As limitações nesta pesquisa incluem o recorte metodológico, que se concentrou nas dimensões biocomunal e tecnoeconômica da reprodução social, sem explorar as dimensões comunal-cultural e ecológico-

política. Outra limitação relevante foi a falta de estudos prévios que abordem a saúde, o trabalho e o ambiente no contexto da costura domiciliar.

CONCLUSÃO

Diante dos achados, que engloba a reprodução biocomunal e a dimensão tecnoeconômica, as costureiras entrevistadas apontam diversas vulnerabilidades, como o desgaste da força de trabalho e o adoecimento, devido a variados fatores que fazem parte do contexto produtivo, essas condições têm um impacto direto na vida das costureiras e de suas famílias.

Desta forma, é essencial ampliar as discussões com base nos achados e implementar intervenções específicas de vigilância em saúde das trabalhadoras e promotoras de saúde. Essas, devem seguir um modelo que considere o perfil de atividade laboral, garantindo um cuidado integral à saúde das costureiras com as adequações necessárias para transformar, de maneira viável, a realidade social em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Capitalismo Pandêmico**. São Paulo: Boitempo; 2022.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo; 2009.

AKHTER, S.; RUTHERFORD, S.; CHU, C. Sewing shirts with injured fingers and tears: exploring the experience of female garment workers health problems in Bangladesh. **BMC Int Health Hum Rights**, v. 19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12914-019-0188-4>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Reto LA, Pinheiro A, tradutor. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, L.; CORTELETTI, R. F.; ARAÚJO, I. M de. Relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do nordeste. **Caderno C R H, Salvador**, v. 33, p. 1-20, e020030, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.38029>.

BREILH, J. La categoría determinación social como herramienta emancipadora: los pecados de la “experticia”, a propósito del sesgo epistemológico de Minayo. **Cad Saúde Pública [Internet]**. v. 37, n. 12, e00237621, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00237621>.

CARRER, P.; WOLKOFF, P. Assessment of Indoor Air Quality Problems in Office-Like Environments: Role of Occupational Health Services. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 15, n. 4, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph15040741>.

FLORENCIO, R. S. *et al.* Significados do conceito de vulnerabilidade em saúde: uma revisão de escopo. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, [S. l.], v. 3, p. 12817–12834, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-243>.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População Santa Cruz do Capibaribe**.

2021. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LIRA, S. M. **Muito além das feiras da sulanca: a produção de confecção no Agreste/PE**. Recife: Editora Universitária da UFPE; 2011.

LIRA, P. V. R de A.; GURGEL, I. G. D.; AMARAL, A. S do. Superexploração da força de trabalho e saúde do trabalhador: o trabalho precário na confecção. **Physis [Internet]**. v. 30, n. 1, e300106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300106>.

LIRA, P. V. R. de.; GURGEL, I. G. D.; ALBUQUERQUE P. C. C. de; AMARAL A. S. do. Superexploração e desgaste precoce da força de trabalho: a saúde dos trabalhadores de confecção. **Trab educ saúde [Internet]**. v. 18, n. 3, e00275107, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00275>.

MEDEIROS, M. S. de. *et al.* A Reprodução Social como perspectiva metodológica para análise contextualizada das condições de vida e de saúde. **Cad Saúde Pública [Internet]**. v. 38, n. 10, e00150320, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT150320>.

MILANÊS, R. Da lavoura para a máquina de costura: a inserção dos homens no polo de confecções do agreste de Pernambuco. **Revista de Extensão Rural**, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v. 27, n. 1, jan./mar. 2020. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67752123/art2vol27ed1_2020_1_Milanes-libre.pdf? Acesso em: 02 jul. 2024.

NUNES, J. A. **Epistemologias do Sul e descolonização da saúde**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; 2023.

OLIVEIRA, S. S. *et al.* Vigilância popular em saúde: conceitos, experiências e desafios no contexto brasileiro. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 28, p. e240304, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/xBVHb9hJngH8P7mMHMBBLny/?lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2025.

PORTO, M. F. de S. **Uma ecologia política dos riscos: princípios para integrarmos o local e o local na promoção da saúde e da justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.

RANGEL, F.; CORTELETTI, R. F. O polo de confecções do agreste pernambucano: origens e configurações atuais. **Estud. Sociol.** Araraquara, v. 27, n00, e022013, jan/dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27i00.13897>.

SÁ, M. **Filhos das feiras: uma composição do campo de negócios do agreste**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; 2018.

SAMAJA, J. **A reprodução social e a saúde: elementos teóricos e metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida**. Salvador: Editora Casa da Qualidade; 2000.

SANTOS, F.; CARNEIRO, R.; AUGUSTO, L. A saúde do trabalhador no Polo de Confecções. In: AUGUSTO, Lia Giraldo (org.). **Saúde do trabalhador e sustentabilidade do desenvolvimento humano local: ensaios em Pernambuco**. Recife: Universitária UFPE; 2009.

SANTOS, S. L. dos. *et al.* Pandemia da COVID-19: Revelando interfaces entre saúde, ambiente e desenvolvimento. **Desenvolvimento e meio ambiente (UFPR)**, Curitiba. v. 61, p. 43-57, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v61i0.78863>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/78863>. Acesso em 01 nov. 2025.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Bueno D, tradução. Porto Alegre: Penso; 2016.

YNOUB, R. C.; SAMAJA, T.; JUAN, Alfonso. **Monitoreo de los ambientes de desarrollo humano**. 1998. Trabalho apresentado no VII Congresso de La Asociacion Latino-americana de Medicina Social. Buenos Aires; 1998. Acesso em: 08 out. 2024.

ZELE, Y. T.; KUMIE, A.; DERESSA, W.; BRATVEIT, M.; MOEN, B. Diseases Registered Among Integrated Textile Factory Workers in Ethiopia: A Retrospective



CrossSectional Study. **BMC Public Health**, 2021. DOI:
<https://doi.org/10.1186/s12889-021-11556-4>.

